

ARTIGO 3

**SAL FORA DO SALEIRO: UMA BREVE REFLEXÃO  
PASTORAL SOBRE O EVANGELISMO COMO ESTILO  
DE VIDA E NÃO ATIVIDADE ESPECIALIZADA**

José Carlos STUTZ\*

**RESUMO:** Este artigo trata do olhar de um pastor sobre a ação evangelística da igreja no seu dia-a-dia. Parte de um olhar sobre a importância das casas como centro da vida religiosa da Igreja nos primeiros séculos e, como os templos, as catedrais, foram ocupando esse lugar ao longo da história. Conta também o esforço do Conselho da 1ª IPB de São José dos Pinhais, uma igreja templo-centrada como tem se tornado a maioria das igrejas, para resgatar o compartilhar da fé com os vizinhos, participando da vida do bairro, atentos aos sinais do reino de Deus presente na vizinhança, vendo neles oportunidades para servir em nome do Senhor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Casa; Templo; Compartilhar o evangelho; Servir.

---

\* Rev. José Carlos Stutz, pastor da 1ª Igreja Presbiteriana do Brasil em São José dos Pinhais, PR. Estudou no Seminário Presbiteriano do Norte, Recife, PE; email: jose.stutz@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Os autores do livro *Igreja Diária* fazem a seguinte citação no capítulo onde tratam da missão da igreja:

Igrejas são chamadas para serem grupos de pessoas enviadas para uma missão e não lojas que servem de apoio para vendedores de serviços e produtos religiosos [...] precisamos reconhecer que somos um corpo interligado de seguidores de Jesus, comprometidos mutuamente e responsáveis uns pelos outros e pela missão que Jesus nos deu quando da sua ressurreição (TIMMIS & CHESTER, 2013, p.99).

Interessante a identificação da igreja como uma “loja” que oferece produtos religiosos. Isso identifica a igreja com um prédio e as pessoas já sabem o que esperar quando uma nova igreja abre suas portas.

Mas, isso pode ser diferente. Era uma vez, um grupo de dez pessoas que se mudaram para o bairro de uma cidade. O grupo compunha-se de pessoas casadas, outras solteiras, homens e mulheres. Nada de especial nessas pessoas. Inicialmente a ideia era plantar uma igreja. Muito tempo e esforço foi gasto para recrutar líderes, atrair pessoas para o

grupo. Por algum tempo, o fato de não conseguirem plantar a igreja causou muita frustração, conversas emocionadas e orações fervorosas.

Mas, enquanto isso acontecia, Deus estava trabalhando silenciosamente, plantando a igreja. Como? Enquanto eles faziam algo que não tinha nada de espetacular, isto é, sendo bons vizinhos! Eles não eram uma igreja, na verdade, frequentavam uma igreja em outro lugar da cidade. Não faziam reuniões evangelísticas formais, eles apenas moravam ali, todos muito normais, sem nada de espetacular. Mas, depois de alguns anos, essas pessoas comuns ganharam credibilidade, simplesmente por serem os vizinhos que todos gostariam de ter! Eles têm, sim, uma identidade corporativa: são conhecidos como “cristãos”.

Como isso aconteceu? Aconteceu enquanto eles compartilhavam suas vidas e frequentavam as casas uns dos outros. Sentavam lá fora durante o verão e conversavam com as pessoas, ajudavam os filhos uns dos outros com as lições de casa e jardinagem, lavavam os carros juntos, faziam bolos, costuravam. Frequentavam a sorveteria do bairro e chegaram

a organizar noites de música ali. Com isso, conseguiram dinheiro para ajudar um casal da vizinhança a montar uma cafeteria, ajudaram a organizar um casamento para uma outra família e contribuía para festas de aniversário.

Certa vez, um conjunto de casas que ficava em frente à casa de um desses cristãos pegou fogo. Foi na casa do cristão que as pessoas naturalmente se reuniram para discutir o que fazer com os moradores daquela rua. Alguns já se converteram através do testemunho desses crentes e muitos outros ouviram o evangelho. Hoje existe uma igreja naquele bairro da cidade (TIMMIS & CHESTER, p.116-118).

O bom dessa história é que ela anima crentes comuns e normais como eu e você. Abre oportunidades para o ministério evangelístico para todos os crentes e todas as igrejas.

## 1. ATRAINDO PELO ESTILO DE VIDA

Este chamado para que o povo de Deus faça o mundo ser atraído por Deus através da qualidade de suas vidas é exatamente a ênfase de Pedro: “Amados, peço a vocês, como

peregrinos e forasteiros que são, que se abstenham das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma, tendo conduta exemplar no meio dos gentios, para que, (...), observando as boas obras que vocês praticam, glorifiquem a Deus no dia da visitação.” (1 Pe 2.11, 12)

Esta é a estratégia missionária que Pedro oferece às congregações marginalizadas dos seus dias. Pedro aplica esta estratégia na vida em sociedade (2.13-17), no ambiente de trabalho (2.18-25) e nos lares (3.1-7). No centro de tudo, está a expectativa de que nossas boas obras terão um impacto missionário positivo.

Esta também poderia ser a estratégia para nós nestes tempos de isolamento, quando vivemos impedidos de nos reunirmos?

Na maioria das vezes pensamos que se vivermos de forma boa isso nos capacitará a convidar nossos amigos a assistirem nossos eventos evangelísticos no templo. Mas o que Pedro está dizendo aqui é que as nossas vidas é que são eventos evangelísticos! Nossa vida na comunidade é apologética! A melhor defesa do evangelho, a melhor

propaganda do evangelho, é a maneira como vivemos a vida! Crentes comuns vivendo vidas comuns em nome de Jesus! Essa é a linha de frente de missões! Quando os apologistas do segundo e terceiro séculos defendiam a fé cristã, o maior argumento deles em favor da fé cristã era a vida dos cristãos.

Ao comentar sobre o crescimento dramático da igreja durante os primeiros séculos, o cientista social Rodney Stark, observa que não houve grandes estratégias, comunicação em massa e nem grandes líderes (STARK apud TIMMIS & CHESTER, 2013, p.127). Contudo, o evangelho se espalhou, e igrejas se espalharam por todo o império. Lá pela metade do segundo século, Justino disse:

“Não existe nenhuma raça na terra que não esteja representada dentre os convertidos à fé cristã.” Mais para o final do século, Tertuliano disse: “Acabamos de entrar em cena e já fazemos parte de todas as instituições, vilas, cidades fechadas, fortalezas... do senado e do fórum.”

Você já se perguntou como os cristãos primitivos conseguiram se expandir tão rapidamente, mesmo sendo uma religião ilegal, sem prédios, sem Bíblias para cristãos comuns,

sem liderança profissional, sem grupos de jovens, sem grupos de louvor e sem seminários ou comentários bíblicos?

Esse mesmo cientista social argumenta no seu livro que o cristianismo cresceu por causa da maneira como os cristãos se importavam com as pessoas tanto de dentro como de fora da igreja. Ele afirma que as duas epidemias que tiveram lugar durante esse período tiveram um papel importante nisso.

Ele se referia a Peste Antonina, epidemia que no ano 166, devastou a cidade de Roma, matando em torno de 5 milhões de pessoas, e a epidemia dos anos 251 a 266, outra peste que devastou o Império Romano. Cipriano, bispo de Cartago, relatou que em Roma e outras cidades da Grécia, morriam até 5 mil pessoas por dia (REZENDE, 2009, p.76-77). Os cristãos cuidavam uns dos outros e tinham a maior taxa de sobrevivência, numa época onde os laços sociais e até familiares estavam sendo rompidos por causa das epidemias. Enquanto religiosos pagãos abandonavam seus templos e fugiam para sobreviver, os cristãos ficavam por causa de uma esperança mais duradoura.

Um historiador da igreja disse: “O exercício prático do cuidado uns aos outros foi a causa mais poderosa do sucesso do cristianismo. O comentário pagão: ‘Veja como esses cristãos amam uns aos outros’, que Tertuliano ouvia, não era uma ironia. Esse amor se expressava no cuidado pelos pobres, viúvas, órfãos, visitas a cristãos aprisionados ou condenados à morte nas minas, ações sociais em meio a calamidades como fome, terremotos, epidemias ou guerra” (CHADWICK apud TIMMIS & CHESTER, 2013, p.128-129).

É disso que Pedro está falando. Ao serem confrontados e limitados com a perseguição, epidemias ou ameaça de morte, crentes comuns não se intimidaram, levaram o evangelho por todo o Império Romano.

## 2. CONFRONTANDO PARADIGMAS

Há alguns meses, o Rev. Leonardo Lopes Pereira, veio da Bahia para nossa cidade de São José dos Pinhais, com a visão de plantar uma igreja. Ele é hoje pastor auxiliar na 1ª Igreja, trabalhando no núcleo da Colônia Rio Grande. Ele tem trabalhado, levantando recursos entre seus amigos para o



sustento do trabalho. Algo me diz que ele será bem sucedido no trabalho que lidera. Acredito que em menos de cinco anos, o tempo que projetamos para organizar novas igrejas em nossa cidade, esta igreja será organizada, e terá equipamento de som, um bom prédio e tudo mais. O Rev. Leonardo é um homem bom e tem habilidades, caráter e carisma. O que ele está fazendo é maravilhoso.

O problema é que não existem muitas pessoas com esse tipo de habilidade, recurso e carisma. O Rev. Leonardo está usando seus pontos fortes e os dons que Deus lhe deu. Mas, se plantar uma igreja requer tudo isso, francamente, não veremos muitas igrejas sendo plantadas.

O mesmo acontece com o modelo que envolve uma instituição forte por trás – uma grande igreja, um Presbitério ou a Junta de Missões – enviando um pastor/missionário com sustento integral garantido e provendo toda infra-estrutura. É ótimo quando isso acontece, mas, se plantar igrejas requer isso, então, não veremos muitas igrejas sendo plantadas.

Em 2018 apresentei ao Conselho da 1ª igreja o projeto de implantação de núcleos de pastoreio mútuo e

evangelização nas casas. Minha convicção era, e continua sendo, de que o trabalho pastoral e evangelístico precisa deixar de ser apenas para os profissionais e volte a pertencer ao povo de Deus. O cristianismo sempre foi um movimento do povo. Preparei uma revista para ser estudada na Escola Dominical desenvolvendo os fundamentos dos núcleos – Viver RENOVO – A Igreja que Queremos Ser:

Acho importante observar que Jesus iniciou seu ministério na sua própria casa! Dois discípulos de João Batista encontram Jesus após o Seu batismo e perguntam onde Ele morava. Jesus os convidou para a Sua própria casa (Jo 1.38, 39) onde estes dois discípulos iniciam o processo de conhecer Jesus, Seu caráter e Sua missão (vs. 40-42) (KORNFIELD, 1999, p.26).

Observe também que depois de escolher os doze apóstolos, Jesus inicia o treinamento deles indo primeiramente às cidades onde moravam os familiares dos discípulos e, certamente, reunindo-se com eles em suas casas para anunciar-lhes a chegada do reino de Deus. (Mateus 11.1)

A dispersão da igreja, quando Estevão é morto, produziu uma poderosa evangelização. Lucas relata que os

crentes iam por toda parte pregando a Palavra, chegando a Antioquia. A igreja em Jerusalém, informada do crescimento do evangelho na cidade, envia para lá Barnabé. (Atos 8.4; 11.19). Esta igreja, resultado do trabalho destes crentes, é a primeira a enviar missionários. Paulo e Barnabé iniciam a viagem missionária visitando primeiro Chipre, onde moravam os familiares de Barnabé. Chipre, como sabemos, era a cidade natal de Barnabé! (Atos 13.4; 4.36, 37)).

Fica muito claro nestes exemplos que o processo missionário e evangelístico daqueles dias, envolveu a mobilização dos crentes, a partir de suas casas. Quando lemos o Novo Testamento, notamos que a igreja primitiva usou com grande proveito os Núcleos pequenos nos lares como uma forma de expressão da igreja cristã.

### **3. MODELO AMEAÇADO PELOS NOVOS TEMPOS**

Por volta do ano 300 a.D., quando o imperador romano Constantino se tornou cristão, houve uma grande mudança da adoração subterrânea nas catacumbas e nas casas para as catedrais. A igreja nas casas, que tinha sido o símbolo de

comunidade e espiritualidade, desapareceu da corrente principal da vida e estrutura da igreja. No entanto, parte do movimento monástico e alguns grupos sectários continuaram com a igreja nas casas como uma tradição paralela.

No século XVI, os Luteranos (Martinho Lutero, Alemanha), os Calvinistas (João Calvino, Suíça), que representam as correntes principais da Reforma Protestante, continuaram atados às catedrais. Mas na França, os calvinistas, conhecidos como huguenotes, sofreram muitas perseguições e se mantiveram longe das catedrais.

Martin Weingaertner observou que “No decorrer da Idade Média a igreja cristã na Europa organizou-se em paróquias. Esta estrutura perdurou por mais de mil anos com igrejas edificadas no centro de vilas e cidades e com a vida dessa população gravitando em torno delas (WEINGAERTNER, 2014).

Este modelo de igreja não foi modificado pela Reforma do século XVI. Assim o encontramos tanto na Rússia Ortodoxa, na Inglaterra Anglicana, na Suíça Presbiteriana, como na Alemanha Luterana. Ele alicerçava a divisão entre clero e leigos. (...) Não alterariam o fato básico de que em todas elas o clero

“produz espiritualidade” e leigos a “consomem”. (...) Lutero é muito elogiado pelo que ensinou sobre o sacerdócio geral dos crentes. Mas, isto ficou praticamente sem efeito por permanecer na sombra da pesada herança paroquial. Na prática, também as igrejas evangélicas continuaram divididas em duas classes de cristãos – clero e leigos – e, por isso, rapidamente esqueceram o que o reformador concluiu do evangelho (WEINGAERTNER, 2014).

Meno Simons (1492-1559) unificou um movimento que veio a tomar o seu nome - Os Menonitas. Os Anabatistas não tinham prédios de igrejas, e se reuniam nas casas para adoração e crescimento espiritual. Eles pretendiam levar a igreja de volta ao modelo inicial, retratado nas Escrituras. Queriam a igreja como uma família da fé que trabalhava no coração das pessoas.

No século XVII, os Pietistas (Alemanha) se tomaram a expressão mais marcante da igreja nas casas logo após a Reforma. Foram chamados assim por buscar o reavivamento da piedade do Cristianismo, por insistir que tão importante quanto ter a doutrina certa (*ortodoxia*) é ter uma conduta certa (*ortopraxia*). O líder do movimento, Felipe Jacó Spener,

realizava as *Collegia Pietatis*, reuniões em sua própria casa para estudo bíblico, orações e instrução mútua, nas quais todos os presentes tomavam parte ativa. Durante 50 anos, a partir de 1685, o Pietismo tomou-se a influência predominante no protestantismo alemão, enchendo de nova vida a igreja da época. Através destas reuniões, a vida familiar foi melhorada, os padrões morais foram elevados e as pessoas entenderam que o cristianismo significava mais do que simplesmente concordar com um catecismo.

As reuniões dos pequenos grupos encorajavam o crescimento familiar na congregação e a Bíblia se tornou em algo cheio de vida para os crentes. Cabe ao Pietismo o crédito pelas primeiras obras missionárias protestantes em outras culturas. Os primeiros missionários foram para a Índia em 1705. Durante aquele século, 60 missionários foram enviados para a missão em Tranquebar, Índia.

Em tempos mais recentes, no século XVIII, João Wesley (1703-1791) foi um personagem muito importante da igreja. Ele foi profundamente influenciado pelos Pietistas através dos Moravianos, movimentos iniciado pelo Conde Nicolau Von

Zinzendorf. Na comunidade de Herrnhut, Zinzendorf formara núcleos familiares visando o crescimento espiritual dos Irmãos Morávios.

Assim, onde quer que pregasse, Wesley organizava as “sociedades”, que na realidade eram pequenos grupos nas casas. Para cuidar desses grupos, Wesley preparou pessoas comuns, leigos. Foram eles que tornaram permanentes os resultados da grande obra de Wesley. Mais tarde estes núcleos foram transformados, com os respectivos líderes, em igrejas. Quando Wesley morreu em 1784, a Igreja Wesleyana ou Metodista, como foi chamada, reunia cerca de 100.000 membros em 10.000 núcleos nas casas!

A. Kenneth Curtis e J. Stephen Lang (2004) estão convencidos de que o crescimento da igreja chinesa no século XX está fortemente ligado ao movimento dos núcleos pequenos nos lares. Durante os anos de 1966 a 1979 a Revolução Cultural Chinesa expulsou 637 missionários da Missão Para o Interior da China que trabalhavam no país e os templos foram fechados. A igreja ficou sem seus pastores e sem seus templos. Entretanto, 13 anos depois, com o fim da

Revolução Cultural em 1979, os cristãos na China eram quarenta vezes mais numerosos!

Como explicar isso? Quando as igrejas fecharam, eles tiveram de se encontrar em grupos pequenos, em casas. Em vez de desencorajar o crescimento, isso ajudou a promovê-lo. As famílias cristãs encontraram forças nesse tipo de comunhão e influenciaram quem estava ao redor delas. Não havia uma organização nacional, mas uma igreja que se reunia em uma casa poderia se encontrar ocasionalmente com outra igreja vizinha. Professores, incluindo muitas mulheres, viajavam discretamente de uma região para outra.

Quando os missionários foram expulsos os crentes comuns se levantaram e assumiram o trabalho de pastoreio mútuo e de evangelização! Quando os templos foram fechados, eles começaram a reunir-se às escondidas nas casas. A história da igreja nos ensina que a chave para a evangelização eficaz é mobilizar todos os membros da igreja! A evangelização não é um programa, um evento, mas um estilo de vida dos crentes.”



Historiadores acreditam que um movimento eclesiástico nos lares igual a esse só existiu nos primeiros séculos, quando as circunstâncias eram similares – fortes restrições aos cristãos e opressão governamental. Todos os historiadores concordam que a multiplicação dos cristãos chineses sob o governo comunista pode representar uma das mais dramáticas expansões da fé cristã na história da igreja! O que provocou esse crescimento?

Os especialistas estão estudando esse assunto. Mas não há dúvida de que a dificuldade fez surgir (1) uma atenção maior pela pureza doutrinária, (2) um espírito de cuidado mútuo, (3) uma liderança leiga forte, (4) devoção na oração e (5) confiança no senhorio de Cristo. Os cristãos chineses desenvolveram essa simplicidade enquanto se reuniam em grupos pequenos nas casas.

Isto está de acordo com o que Martin Weingaertner (2014) observou:

Quando a igreja começa a exercitar o sacerdócio geral, também o papel do pastor muda. Ele precisa fazer retaguarda aos que estão na vanguarda, à semelhança do que fez a Dra. Zilda Arns na Pastoral

da Criança. Em vez de monopolizar, como pediatra que era, o tratamento de crianças doentes, ela priorizou capacitar agentes de saúde e, assim, reverter o quadro de mortalidade infantil no Brasil.

O trabalho missionário nos primeiros séculos dependia basicamente de cristãos desconhecidos, que através de gestos de bondade, de relacionamentos familiares e de amizade, da prática de um discipulado cativante e conversas significativas, demonstraram que o evangelismo é um estilo de vida, não uma atividade especializada (TIMMIS & CHESTER, p.113).

Ao revisar, a meu pedido, este capítulo onde tento mostrar um pouco da influencia dos pequenos grupos na Historia da Igreja, o Rev. Alderi Souza de Matos fez a seguinte anotação:

Pessoalmente, entendo que não se deve colocar em oposição igreja x pequenos grupos, como se fossem realidades antagônicas. Creio que há espaço para as igrejas e também, simultaneamente, para os pequenos grupos. Muitas igrejas têm usado com proveito o ministério de pequenos grupos, sem que estes impliquem na extinção daquelas (Em e-mail pessoal).

A observação do Rev. Alderi ajuda a esclarecer o meu objetivo, mostrar os pequenos grupos, aqui denominados Núcleos de Evangelização, como uma ferramenta que ajuda a igreja a desenvolver uma espiritualidade que contribua para integrar melhor os seus membros em torno dos propósitos do Senhor para sua igreja, praticando assim o sacerdócio universal dos crentes.

Deus não nos capacitou a todos para sermos grandes líderes com muitos talentos e oratória que atrai o público. Mas, através da morte de Jesus e da ação do Espírito Santo, Ele nos deu poder para viver vidas tão boas que pessoas serão atraídas a Cristo. Não podemos ser nada menos do que o povo de Deus unido em uma missão. Nada vai nos impedir de ser a luz do mundo, SAL FORA DO SALEIRO!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**A igreja que queremos ser.** O Conselho da 1ª IPB de São José dos Pinhais aprovou em 2018 um projeto que visa implantar o conceito dos grupos nas casas como uma ferramenta para nos ajudar a orientar a vida diária da igreja

de tal forma que venhamos a ser uma igreja atraente. Um dos benefícios principais que esperamos alcançar será a recuperação da ideia de que o ministério evangelístico não deve se feito apenas por pastores/missionários com o apoio dos crentes comuns, mas o ministério evangelístico deve ser feito por crentes comuns com o apoio dos pastores/missionários.

A IPB, no *Manual do Plantador de Igreja*, define assim os propósitos que devem guiar as atividades da igreja: “Uma igreja local reúne um grupo de pessoas com os seguintes propósitos: ADORAÇÃO, ENSINO, COMUNHÃO, SERVIÇO E MISSÃO. Resumimos a nossa identidade como igreja da seguinte maneira:

- Somos uma igreja que adora: uma comunidade de sacerdotes. (ADORAÇÃO)
- Somos uma igreja que ensina: uma comunidade de discípulos. (ENSINO/DISCIPULADO)
- Somos uma igreja que edifica: uma comunidade de trabalhadores. (COMUNHÃO)

- Somos uma igreja que ama: uma comunidade de servos.

(DIACONIA/SERVIÇO)

- Somos uma igreja que testemunha: uma comunidade de missionários. (MISSÕES/EVANGELIZAÇÃO).”

Denominamos o projeto de VIVER R.E.NO.V.O, onde cada atividade precisa atender a um desses propósitos, cumprindo a tarefa da igreja que é chamar cada pessoa a reconciliar-se com Deus; envolver-se com a igreja; ter um novo jeito de viver e viver para servir, tendo Romanos 12 como fundamento bíblico.

VIVER R.E.NO.V.O

**1. Reconciliar-se com Deus – (v.1) ADORAÇÃO.**

“*sacrifício vivo*” isto é, reconhecer o governo de Deus sobre a vida. Uma espiritualidade centralizada em Jesus, e não em si mesma, em um líder ou em um movimento religioso.

A adoração acontece em dois contextos: Adoração coletiva e adoração individual. Adoração coletiva acontece no contexto da congregação reunida, enquanto a adoração individual ocorre no contexto da vida diária da pessoa.

Moldar e estimular tanto a adoração coletiva quanto a pessoal são aspectos deste propósito da igreja.

Atividades que atendem a este propósito:

**Cultos comunitários aos domingos.** Nestas reuniões seguimos o Princípio Regulador do Culto Reformado: *“Cantar a Palavra, orar a Palavra, pregar a Palavra, ler a Palavra e ver a Palavra (nos sacramentos)”*.

**Devocional Diária.** Oração e meditação das Escrituras como recursos que alimentam e fortalecem a comunhão com o Senhor.

**2. Envolver-se com a Igreja – (vs.3-5) COMUNHÃO.** Uma espiritualidade centralizada em Jesus requer vida em comunidade, dar prioridade às atividades da igreja.

No Novo Testamento, o povo de Deus é a igreja. Numa congregação local, a comunhão como um todo deve manifestar: A santidade de Deus refletida na santidade da igreja; O amor de Deus refletido no amor que os crentes demonstram uns para os outros; A unidade de Deus refletida na unidade da igreja. (Hebreus 10.24, 25).

Atividades que atendem a este propósito:

**Forças de Integração – SAF, UPH, UMP, UPA, UCP –** cumprem esse propósito de promover a comunhão onde o amor, a santidade e a unidade animam os membros da igreja.

**EBD –** cumpre o propósito de dar atenção, integrar e treinar os que chegam para que conheçam a visão e a missão da igreja e assim possam decidir se vão tornar-se membros.

**3. NOvo jeito de viver – (vs.9-21)**  
ENSINO/DIDCIPULADO. Expressar a imagem de Jesus no dia-a-dia da vida. Desenvolver novos hábitos como um tempo devocional diário para ler a Bíblia e orar.

Parte do propósito da igreja é encorajar os crentes na fé e no relacionamento com Cristo. Com esse alvo em mente, o apóstolo Paulo rogou que a igreja em Éfeso crescesse *“em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor”*. (Ef 4.15-16)

Atividades que atendem a este propósito:

**EBD –** existe para, através dos cursos ministrados, treinar e capacitar novos líderes.

**Forças de Integração – SAF, UPH, UMP, UPA, UCP –** cumprem esse propósito, ajudando a edificar a fé das mulheres, dos homens, dos jovens, dos adolescentes e das crianças.

**4. Viver para servir a comunidade – (vs. 6-8)**  
SERVIÇO/DIACONIA. Viver uma vida de serviço às pessoas em amor. Suprir as necessidades que estejam ao alcance dos nossos dons, habilidades e recursos.

Atividades que atendem a este propósito:

**Núcleos** promovem oportunidades para servir naturalmente na vizinhança e nos bairros onde moram os membros da igreja. As boas novas se propagam mais naturalmente não só onde a congregação realiza suas reuniões, mas, principalmente, onde seus membros moram, trabalham, estudam durante os dias de semana. A disponibilidade deles em servir deve ser conhecida pelos amigos, vizinhos e colegas não crentes.

**Junta Diaconal**, cumpre esse propósito ao promover intervenções sociais, buscando parceria visando fazer um diagnóstico comunitário. Oferecer cursos e palestras para a



comunidade, com interesse especial nos estudantes, profissionais, etc.

**Reconstruir a Esperança.** Pastoral de consolação e encorajamento para os que sofrem perdas, tragédias e crises.

**5. Ordenar as prioridades** – (v.1, 2) Missões; Evangelismo. Viver as prioridades de uma vida centralizada em Jesus – adoração, comunhão, discipulado e serviço – Receber e anunciar o amor de Deus.

Atividades que atendem a este propósito:

**Núcleos** que se reúnem semanalmente nos bairros cumprem esse propósito. O propósito da igreja não está limitado a evangelizar a própria cidade onde a congregação vive. As orações e os planos de uma igreja devem se estender para além de restritos horizontes de familiaridade. O mandamento de Jesus para irmos até *“aos confins da terra”* nos lembra que Cristo é Senhor sobre tudo, que ele ama todos e nos chamará à prestação de contas no grande dia. Os crentes juntos compartilham sabedoria, experiência, sustento financeiro, orações e vocações, e direcionam tudo isso para o

propósito comum de tornar o nome de Jesus conhecido entre as nações.

**Ofertas e Dízimos** promovem o sustento financeiro do trabalho evangelístico e missionário na cidade, no país e no mundo.

Este tempo que vivemos, marcado pela pandemia do COVID-19, não vai impedir a verdadeira igreja de ser igreja, de cuidar uns dos outros, estar atentos as necessidades uns dos outros, e testemunhar e viver o amor de Deus pelas pessoas. A pandemia não impediu quem já fazia isso, de continuar fazendo. A pandemia não impediu a igreja de ser igreja fora do templo! O templo está fechado, mas a igreja está aberta, viva e ativa.

## REFERÊNCIAS

CHESTER, Tim; TIMMIs, Steve. **Igreja Diária**. Editora Tempo de Colheita. Rio de Janeiro, 2013.

REZENDE, Marcondes. **À sombra do plátano: crônicas de história da medicina**. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

KORNFIELD, David. **Começando Grupos Familiares Pastorais**. São Paulo: Ed. Sepal, 1999.

WEINGAERTNE, Martin. **Nem clero, nem leigo**. Revista Ultimato online. 2014

LANG, Stephen; CURTIS, A. Kenneth. **Os 100 Acontecimentos mais Importantes da História do Cristianismo**. São Paulo: Editora Vida, 2004.

STUTZ, José Carlos. **Viver R.E.NO.V.O - A Igreja que queremos ser**. Curitiba, Edição do Autor, 2018.

MATOS, Alderi Souza. (Em e-mail pessoal).